

Um olhar sobre os Andes a partir da floresta: diálogos entre etnologia, história e arqueologia¹

José Pimenta (DAN / UnB)

Palavras-chave: Relações Andes-Amazônia, Ashaninka, Inca.

Introdução

Os Andes e a Amazônia foram historicamente tratadas na academia como duas regiões culturalmente muito distintas, quase antagônicas. É comum, por exemplo, opor as civilizações complexas das terras altas, com hierarquia social, um estado centralizador e uma rica cultura material, com a simplicidade tecnológica e a filosofia igualitária das sociedades indígenas da Amazônia. Apesar de existirem diferenças profundas entre essas duas regiões, a divisão Andes-Amazônia como duas áreas culturais radicalmente distintas não se sustenta mais. Pelo menos desde a década de 1970, os conhecimentos arqueológicos, mas também linguísticos, etno-históricos e antropológicos, testemunham das intensas relações e influências mútuas entre as chamadas “terras altas” e as “terras baixas”. Nesta comunicação, a partir de uma perspectiva antropológica e de dados coletados entre os Ashaninka da região brasileira do Alto Juruá, na fronteira do Brasil com o Peru, no estado do Acre, com os quais trabalho há mais de 20 anos, procurarei apresentar brevemente as complexas relações, baseadas no comércio, mas também na guerra, entre os povos das terras baixas, principalmente entre os Arawak subandinos dos quais fazem parte os Ashaninka e o império Inca, assim como apontar algumas influências andinas na cultura material, e, sobretudo, na mitologia ashaninka. Antes disso, sem negar as profundas diferenças, é importante relativizar, mesmo que brevemente, a dicotomia Andes-Amazônia.

Revisitando a dicotomia Andes – Amazônia

Apesar de diferenças marcantes, diversas disciplinas têm mostrado a existência de profundas e intensas conexões históricas entre Andes e Amazônia desde os tempos pré-colombianos. Desde o Horizonte Chavín (1.300 a 600 AC) até o Império Inca no

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

século XV, dados procedentes da arqueologia, história, antropologia, linguística e genética, principalmente, testemunham a existência de diferentes formas de interação e influências mútuas entre grupos amazônicos e andinos (TELLO, 1960; LATHRAP, 1963, 1968, 1970, 1973; GADE, 1972; SAIGNES, 1985; RENARD-CASEVITZ, 1985, 1991, 1992, 1993; SANTOS-GRANERO, 1992; TAYLOR, 1992 e 1999; PÄRSSINEN & KORPISAARI, 2003; KUMMELS & NOACK, 2014; PEARCE et al. 2020).

A ascensão do Império Wari nos Andes Centrais (mais ou menos 600 AC) levou a uma crescente intensidade nessas interações inter-regionais e foi considerada por Jennings (2010) como um processo de “globalização” devido ao impacto gerado na região andina e também às suas reverberações na região amazônica. Aproximadamente nessa mesma época na Amazônia, houve um processo de dispersão de povos de língua arawak, acontecimento esse considerado por alguns autores uma das transformações mais significativas da América pré-colombiana (HECKENBERGER, 2013, 111). Atualmente, existe uma tendência crescente em compreender esses dois eventos, isto é, a emergência do Império Wari nos Andes e a dispersão dos povos da família linguística arawak na Amazônia de forma relacionada (WILKINSON, 2018). A descoberta arqueológica de um enterramento Wari em território tradicionalmente arawak (FONSECA & BAUER, 2013) parece reforçar essa hipótese. Adicionalmente, existem sugestões de que o comércio de plumas da Amazônia, providas majoritariamente por grupos arawak sub-andinos, teria influenciado, pelo menos parcialmente, a formação de Estados na área andina durante o Período Intermediário Tardio, ou seja, aproximadamente entre o ano 1000 até 1450 (WILKINSON, 2018).

Os Arawaks sub-andinos e os Incas

Séculos antes da chegada dos Incas na região andina central, já temos evidências da existência de uma intensa rede de trocas entre Andes e Amazônia. Como já dito, a natureza e intensidade dessas relações têm sido reveladas, ao longo das últimas décadas, por uma série de pesquisas arqueológicas, históricas, linguísticas e genéticas. Essas relações parecem ter se intensificado com o surgimento do império incaico.

O advento da hegemonia inca na região andina central por volta do século XIII desencadeou um processo de transformações dramáticas no mundo andino em diversos níveis e culminou com o Tahuantinsuyu: o império dos quatro cantos que reunia Chinchaysuyu, Collasuyu, Condesuyu e também a Amazônia ocidental que foi nomeada

de Antisuyu pelos Incas. Dentro dessa nova configuração conceitual e espacial imposta pelos Incas, os grupos amazônicos foram agrupados sob o termo genérico de “Antis”. Contudo, longe de qualquer homogeneidade cultural, os Antis representavam uma grande variedade de grupos étnicos diferentes entre si, incluindo os Arawak sub-andinos.

Em razão da grande maleabilidade das fronteiras étnicas e linguísticas, a composição desse conjunto denominado de “Arawak sub-andinos” (também pré-andino para alguns autores) ainda é objeto de controvérsias entre acadêmicos. Embora não exista consenso, os Arawak sub-andinos reagrupam, geralmente, os Ashaninka, Matsiguenga, Nomatsiguenga, Yanesha, Piro (Yine) e alguns povos menores (SANTOS & BARCLAY, 2005, XV). Até a década de 1980, muitos desses povos ainda eram chamados pelo termo genérico “Campa”, como era o caso dos Ashaninka. Nota-se, também, que os Piro (Yine) ocupam uma posição marginal no conjunto. Apesar de falarem uma língua arawak, experimentaram um processo de *transethnic change* (SANTOS-GRANERO, 2002, 31-32) e são hoje culturalmente muito próximos dos povos vizinhos da família linguística Pano. Os Ashaninka, incluindo nessa denominação os Ashéninka que são cultural e linguisticamente muito semelhantes, totalizam hoje mais de cem mil pessoas e são provavelmente o povo mais numeroso da Amazônia. A maior parte dos Ashaninka habita a região conhecida no Peru como *Selva Central*, situada a leste dos Andes centrais, mas existe uma pequena diáspora ashaninka em território brasileiro, na região do Alto Juruá, no estado do Acre. É com esses Ashaninka do Alto Juruá brasileiro que realizo pesquisas há mais de vinte anos. Embora mais distantes de seu território tradicional e dos Andes, influências andinas continuam presentes entre os Ashaninka do rio Amônia, principalmente na cultura material, na língua e na mitologia.

Os Arawak sub-andinos chegaram provavelmente na região do Ucayali por volta de 600 AC, talvez antes, ou seja, num período que corresponde mais ou menos ao surgimento do Império Wari nos Andes centrais. Aos poucos, com a chegada de grupos Pano no Ucayali, como os atuais Shipibo, esses grupos arawak foram empurrados para os afluentes desse rio e para o sopé dos Andes. Ou seja, durante o império incaico, os Arawak sub-andinos ocupavam uma posição estratégica entre as chamadas “terras altas” e “terras baixas”.

As relações entre os Incas e os Arawak sub-andinos foram marcadas pela ambivalência. O mundo incaico e o dos Arawak eram orientados por filosofias e visões políticas muito distintas. Apesar de várias tentativas, os Inca nunca conseguiram subjugar completamente os povos do Antisuyu, ou seja, da região da Amazônia ocidental, vizinha

do império. As diferenças entre os dois mundos e as tentativas expansionistas do império não impediram, contudo, a existência de um fluxo intenso de produtos que desciam em direção à floresta e subiam em direção à cordilheira.

Comércio e guerra

Durante o período pré-colombiano, a relação entre os Incas e os Arawak sub-andinos foi marcada por tempos de alianças e guerras, por negociação e cooperação e também por um sistema de trocas que articulava uma extensa rede de povos indígenas, andinos e amazônicos, e provia um fluxo contínuo de produtos que circulavam entre as duas regiões. Nesse sistema de trocas de longa distância, o papel dos Arawak sub-andinos era central, principalmente devido a seu acesso privilegiado à produção e comércio de blocos de sal procedentes de *Cerro de la Sal* que serviam como referência monetária no comércio inter-amazônico e, parcialmente, também no comércio com os povos andinos (VARESE, 2004).

A antropóloga e etno-historiadora francesa, Marie-France Renard-Casevitz, foi a pesquisadora que mais analisou as relações entre os Arawak sub-andinos e seus vizinhos amazônicos e andinos, tendo dedicado vários trabalhos ao assunto (ver, sobretudo, RENARD- CASEVITZ, 1985; 1991; 1992; 1993; RENARD-CASEVITZ, SAIGNES E TAYLOR, 1988). Segundo essa autora, os Arawak sub-andinos e os Pano tinham relações complexas com os Incas, baseadas, dependendo das circunstâncias, no comércio ou na guerra. O território dos Arawak sub-andinos era fronteiro da parte central do império incaico de tal modo que esses grupos atuavam como intermediários entre as terras altas e a Amazônia.

Assim, em seus trabalhos sobre as relações interétnicas na região da *Selva Central* antes da invasão europeia, Renard-Casevitz mostrou a existência de um vasto e complexo sistema que alternava comércio e guerra e envolvia os povos amazônicos (Arawak e Pano) e os Incas. Essa autora usou o termo “Campa” para se referir ao conjunto dos Arawak sub-andinos com exceção dos Piro (RENARD-CASEVITZ, 1992, 204; 1993, 31). Segundo ela, embora desprovidos de uma estrutura política centralizada, todos esses Campa estavam unidos por um forte sentimento identitário e formavam uma única “nação” caracterizada por referências mitológicas comuns, pela ausência da endoguerra e por uma extensa rede de cooperação política e econômica que podia se estender a outros povos. Em tempos de paz, as redes comerciais envolviam os Piro e grupos Pano

ribeirinhos, como os Shipibo ou os Conibo.² Nos tempos pré-colombianos, o bloco de sal era a referência monetária desse comércio intra-amazônico.³ Situado em território arawak, o *Cerro de la Sal* era a principal fonte de abastecimento em sal para os povos da região e o centro político, econômico e espiritual dos Arawak sub-andinos. Nesse sistema, os Campa, entre eles os Ashaninka, ocupavam uma localização estratégica entre as terras altas e os grupos Pano do rio Ucayali.

Nas proximidades do *Cerro de la Sal*, a população indígena apresentava uma maior concentração populacional. O controle das minas de sal exigia uma organização social mais complexa e existia uma relativa divisão do trabalho com a presença de saleiros, por exemplo, para executar tarefas especializadas. Mesmo assim, esse modelo de organização social não se comparava ao modelo hierárquico do império incaico. Renard-Casevitz (1993, 37-39) afirma que o *Cerro de la Sal* não dispunha de uma hierarquia centralizada. Os diferentes grupos Arawak sub-andinos tinham acesso direto às minas, usufruíam coletivamente do seu produto e partilhavam a responsabilidade do seu controle. Cada grupo reconhecia um “chefe” com um poder limitado. Respeitado em todo o território arawak e além das suas fronteiras, o “chefe” do *Cerro de la Sal* era substituído, periodicamente, através um sistema de rodízio, de tal forma que a chefia era plural e controlada pelas bases. Esse modo de organização social mais concentrado era, no entanto, uma exceção. Como mostram as pesquisas etnográficas realizadas com os Ashaninka, a regra entre esses grupos era um padrão de assentamento disperso onde cada grupo local prezava pela sua autonomia e liberdade, podendo, em caso de necessidade e conforme a conjuntura histórica, acionar uma rede de aliados políticos para enfrentar uma ameaça externa.

Em épocas de paz, o comércio entre os povos amazônicos se estendia às terras altas. No período estival, delegações de índios da Amazônia subiam às cidades incas mais próximas com produtos da floresta: animais silvestres, peles, plumas, objetos de madeira, plantas medicinais, mel, etc. Em troca, os Antis voltavam aos seus territórios com tecidos, lã e, sobretudo, objetos de metal (joias de ouro e prata, machados de cobre, etc.). Muitos desses produtos eram, em seguida, redistribuídos nas redes de parentesco e no comércio intra-amazônico (RENARD-CASEVITZ, 1991, 16-17).

² Habitantes do interior, os Pano interfluviais eram considerados como povos amazônicos inferiores e alvo de incursões dos outros grupos, não participando, de maneira geral, do circuito comercial (RENARD-CASEVITZ, 1993, 36).

³ Para os povos da Amazônia, o sal era um produto altamente cobiçado pelo sabor que dava à comida e por ser o meio de conservação de alimentos no clima quente e úmido das terras baixas.

Os intercâmbios entre as terras baixas e as terras altas não apagavam as diferenças culturais e não garantiam uma paz duradoura entre os povos amazônicos e os Incas. Períodos de paz e de guerra se alternavam. Quando o império incaico ameaçava conquistar a *Selva Central* e seus habitantes, as hostilidades entre povos amazônicos cessavam e as trocas com os andinos eram interrompidas. Para conter as tentativas expansionistas dos Incas em direção ao oriente, os Antis se juntavam em defesa de seu território e modo de vida. Guerreiros experientes em seu meio, os índios da Amazônia mobilizavam suas amplas redes baseadas no comércio de sal para barrar as pretensões expansionistas e hegemônicas do inimigo comum. As diferenças internas e as desavenças entre Antis eram temporariamente substituídas por uma solidariedade pan-amazônica provisória contra as ameaças externas. Para os povos da *Selva Central*, antes da chegada dos europeus, os Incas eram o outro mais estranho, o representante de uma sociedade hierarquizada, detentora do metal e portadora da alteridade mais distante naquela época: o não-amazônico (RENARD-CASEVITZ, 1991, 33). As confederações pan-étnicas que uniam os Antis eram conjunturais, mas, durante séculos, permitiram aos Arawak subandinos e aos Pano impedir a penetração maciça do não-amazônico nas terras baixas.⁴

Assim como Renard-Casevitz, outros autores também abordaram as relações entre os povos amazônicos e os Incas. Santos-Granero (1992), por exemplo, afirmou que, no caso de grupos que estabeleceram contato muito próximo e direto com os Incas, como os Amuesha, Ashaninka, Machiguenga e Kaxinawá, a imagem do Inca estava longe de representar um ser benevolente. Esses grupos consideravam o poder dos Incas, supercentralizado e tirânico, como uma negação da própria sociedade. Os Kaxinawá, por exemplo, viam o sistema redistributivo dos Incas como uma negação de seu próprio sistema baseado na reciprocidade simétrica e como um direito ilegítimo de poder. Situação semelhante ocorria entre os Amuesha que viam os Incas como fonte de um poder autoritário baseado na exploração econômica de seus vassallos, no absolutismo político e no controle da autonomia pessoal como sua sexualidade (no caso do direito do imperador inca sobre as *acllakuna* ou virgens do sol). Para os Amuesha, os Incas exerciam um poder verdadeiramente despótico e se reservavam até o direito de tirar a própria vida, algo

⁴ Com a invasão europeia, os Antis continuaram a lutar juntos para enfrentar os colonizadores espanhóis. A mais famosa dessas confederações guerreiras multiétnicas foi dirigida pelo líder Juan Santos Atahualpa que, em 1742, conseguiu criar uma confederação de vários povos da *Selva Central* e resistir as pretensões expansionistas dos espanhóis, mantendo grande parte dessa região interdita aos brancos durante cerca de um século. A resistência dos Antis só começou realmente a ceder com a penetração mais intensa dos brancos na Amazônia peruana no período da borracha, a partir da segunda metade do século XIX.

incompreensível para eles. Assim, segundo o autor, as relações Incas-Amuesha eram marcadas por um choque de percepções filosóficas e de visões diferentes sobre o mundo, a sociedade e o poder (SANTOS-GRANERO, 1992, 291-292). Muito provavelmente, essas diferenças levavam a tensões e conflitos e impediam os Incas de impor seu sistema hierárquico e construir com esses grupos amazônicos, como os Amuesha, uma relação de subordinação.

Os Ashaninka e os Incas: conexões e mal-entendidos interétnicos

É provável que a relação dos Ashaninka com os Incas tenha sido bastante semelhante àquela de seus parentes e vizinhos Amuesha. As vastas redes comerciais interamazônicas das quais os Ashaninka participavam ativamente, mas também as relações de intercâmbio que eles mantinham com os Incas em tempos de paz eram provavelmente percebidas como uma extensão de seu sistema tradicional de trocas chamado *ayompari*. Não tenho como explicar aqui esse sistema de trocas em detalhes. Em outra ocasião (PIMENTA, 2009), mostrei que os Ashaninka do rio Amônia interpretam suas relações com diversos “outros”, em diferentes períodos históricos, a partir de seu sistema tradicional de trocas.

A origem do termo *ayompari* é incerta. Segundo alguns autores, ele resultaria de uma corruptela da palavra espanhola “compadre” e teria sido introduzido na *Selva Central* peruana por indígenas falantes de quíchua. Na língua quíchua, “compadre” teria se convertido em *cumpari* que, por sua vez, na língua arawak, tomou a forma de *yumparai* ou *yompari* (ver SCHÄFER, 1991, 45-46; HVALKOF & VEBER, 2005, 228). Assim, na língua ashaninka, a palavra *ayompari* é composta pelo prefixo inclusivo da primeira pessoa do plural “a” (“nós”), seguido do termo “*yompari*”, o que em português poderia ser traduzido como “amigo” ou “parceiro de troca”.

Os Ashaninka do rio Amônia dizem que o termo *ayompari* tem diferentes significados e pode ser usado em diversos contextos. A troca de bens entre parceiros, próximos ou distantes, é um aspecto importante da relação *ayompari*. Assim, num sentido mais restrito, *ayompari* designa uma relação de amizade e troca entre dois indivíduos ashaninka que decidem “fazer *ayompari*”, ou seja, tornar-se amigos e parceiros de troca. Embora originalmente interno aos Ashaninka, o *ayompari* serve de modelo interpretativo para qualificar as relações de amizade e de troca dos Ashaninka com diversos “outros”,

podendo incluir outros povos indígenas e até brancos, criando o que poderíamos chamar de um “*ayompari* interétnico”.

Os Ashaninka do rio Amônia não falam com muita precisão sobre as trocas que eles tinham com os Incas antes da chegada dos brancos. Eles afirmam simplesmente que eles já trocavam produtos com outros povos indígenas da Amazônia (citam, por exemplo, os Kaxinawá e os Shipibo), mas trocavam também com “índios das montanhas”. Apesar da dificuldade da tradição oral a falar sobre o período pré-colombiano, várias influências andinas podem ser vistas entre os Ashaninka do rio Amônia, principalmente na cultura material, na língua e também na mitologia.

Por exemplo, os Ashaninka mascam a folha de coca e usam em seus rituais festivos instrumentos musicais como tambores e flautas de pã, muito parecidos aos usados nos Andes. As mulheres ashaninka do rio Amônia também são hábeis tecelãs e continuam produzindo no tear a vestimenta tradicional chamada *kitharentsi*, também conhecida regionalmente como *kushma*, um importante símbolo da identidade ashaninka. A questão do algodão e da tecelagem é interessante. É provável que o algodão cultivado hoje pelos Ashaninka do Amônia seja de uma espécie que tem o nome científico de “*Gossypum barbadense*” e cujos vestígios mais antigos datam de cerca de seis mil anos e foram encontrados no sítio da Huaca Prieta, na costa norte do Peru (Eduardo Neves, comunicação pessoal). Nessa região, o algodão teria desempenhado um papel importante na fabricação de redes de pesca e na ocupação do litoral peruano. Os artefatos de tecidos e os instrumentos musicais remetem certamente a conexões muito antigas entre Andes e Amazônia que mereceriam ser aprofundadas com mais pesquisas.

A mitologia ashaninka também revela essas influências do mundo incaico e talvez pré-incaico. O sol, por exemplo, é considerado a manifestação visível da coroa do Deus Pawa, a maior divindade para este povo amazônico.⁵ O homem branco também é chamado *wirakotxa* na língua ashaninka, um termo de origem quéchua.⁶ É interessante notar que os Ashaninka do rio Amônia não se referem a um império incaico. Eles não lembram dos Incas enquanto povo, mas conhecem bem o que eles chamam de “história

⁵ O sol era uma divindade andina pré-colombiana. Era o principal deus dos incas que acreditavam que seus imperadores eram filhos dele (CLASTRES, 1980, 86).

⁶ Segundo Clastres (1980, 88), os índios andinos também denominaram os primeiros espanhóis de “*viracocha*”, originalmente um deus, cultuado por populações aimarás e quéchuas que o consideravam o criador de todas as coisas e um herói civilizador. Esse termo também é usado por outros povos indígenas dessa região amazônica para se referir aos brancos, como os Piro do Baixo Urubamba (GOW, 1991, 85, nota 25).

do *Inka*". Qualquer menção aos antigos Incas é interpretada pelos Ashaninka a partir da figura mitológica de um herói cultural chamado *Inka*.

Em resumo, esse mito conta que o *Inka* era um poderoso *tasorentsi*; uma espécie de semideus, filho de Pawa, o Deus criador. Nos primórdios da humanidade, o *Inka* detinha o poder tecnológico e foi encarregado por Pawa de transmitir paulatinamente esse conhecimento aos Ashaninka. No entanto, certo dia, o *Inka* desobedeceu aos conselhos de seu pai e foi pescar num lago proibido, situado nas terras altas. Nesse lago, ele acabou pescando o homem branco que vivia originalmente num mundo subaquático associado aos espíritos maléficos. Esse primeiro branco era o espanhol. Quando surgiu na terra, roubou os conhecimentos do *Inka* e os Ashaninka tiveram que aprender a trocar com os brancos para adquirir o ferro e os produtos manufaturados dos quais eram originalmente os detentores legítimos.⁷

Para os Ashaninka do rio Amônia, se a história ocidental fala da existência de um povo Inca no passado, este só pode ser um povo descendente do *Inka*, o filho do Deus-criador Pawa. O amalgama entre o império incaico e o herói cultural *Inka* leva a mal-entendidos interétnicos etnograficamente muito ricos e à necessidade constante que os Ashaninka têm de atualizar a "história do *Inka*". Por exemplo, é comum que pessoas que visitam os Ashaninka do Amônia os associem muito rapidamente com os Incas. Essa associação é feita, sobretudo, a partir de elementos de sua cultura material, como a roupa e os instrumentos musicais, que são geralmente associados às culturas andinas. Assim, jornalistas, membros de ONGs ou simplesmente turistas estabelecem frequentemente uma relação direta entre os Ashaninka e os Inca. Muitos desses visitantes pressupõem, então, que os índios do rio Amônia são "descendentes dos Incas". Tal afirmação costuma gerar bastante perplexidade entre os Ashaninka que respondem, sem muita paciência, que eles não são "descendentes", mas vagamente "aparentados" dos Incas. Quando se mostram mais dispostos para corrigir a visão de seus interlocutores, procuram explicar, educadamente, que eles não podem ser "descendentes dos Incas" porque, na realidade, os Incas é que foram descendentes deles.

⁷ Embora muito difundido na mitologia de muitas comunidades ashaninka, tanto no Brasil como no Peru, é interessante notar que esse mito não é encontrado em todas elas. O *Inka* não existe, por exemplo, entre os Ashaninka do rio Ene (VIANA, 2019), embora estes estejam geograficamente muito próximos dos Andes. A crença em um herói cultural chamado *Inka* (ou *Inca*) não se restringe aos Ashaninka e é encontrada em muitos povos indígenas dessa região amazônica, não apenas entre outros arawak pré-andinos, como os Yanasha, mas também entre os vizinhos Piro e outros povos Pano, como os Shipibo, Conibo e Kaxinawá (ERIKSON, 1992, CALAVIA SÁEZ, 2000). Em cada um desses povos, as histórias sobre o *Inka* se apresentam de maneira específica. Para mais detalhes sobre o mito do *Inka* entre os Ashaninka do rio Amônia, ver Pimenta (2015).

Essa concepção da história, que pode até parecer arrogante para alguns, é facilmente compreendida na visão do mundo nativa. Como os Ashaninka poderiam ser descendentes de um povo conhecido na história dos brancos como Inca, se o *Inka* é originalmente um ashaninka? Se o *Inka* é um *tasorentsi*, filho de Pawa, a existência de um povo e de um império de nome idêntico num passado remoto só pode ser explicada por algum evento relacionado ao *Inka*. Para tentar solucionar essa questão, alguns Ashaninka afirmam que o *Inka*, depois de ter pescado o homem branco no fundo do lago, foi morar numa terra alta (nas montanhas), onde fundou o seu povo e grandes cidades que os brancos conhecem em sua história como o Império Inca. Nas montanhas, o *Inka* começou a repassar seus conhecimentos para esse povo antes de ter esses conhecimentos roubados pelos europeus.

Considerações finais

Como tentei mostrar, antes da invasão europeia, existiam importantes relações de trocas entre os Andes e a Amazônia e, mais especificamente, entre os Incas e os Arawak sub-andinos, entre estes últimos os Ashaninka. A Amazônia e seus habitantes ocupavam uma posição ambivalente dentro do sistema cosmológico dos Incas. Por um lado, o Antisuyu era visto como parte integral do império dos quatro cantos, sem o qual a visão de mundo incaica não poderia ser conceitualmente concebida. Por outro lado, o Antisuyu era visto pelos Incas como o oposto do ideal da civilização andina; o “outro” selvagem construído em contraste com o andino civilizado. O Antisuyu foi a região mais rebelde que os Inca, apesar de muitas tentativas, nunca conseguiram conquistar. O oriente amazônico representava o cantão em que os Incas mais investiram em um discurso ideológico imperial de superioridade sobre os Antis. De acordo com esse discurso, os Incas projetavam uma imagem do Antisuyu e dos Antis como um lugar de selvageria e sem leis, habitado por povos que transgrediam diversos tabus (BERTAZONI, 2020). Já os Arawak sub-andinos viam no seu vizinho andino uma sociedade organizada em cidades, um mundo hierarquizado, incompatível com os valores de liberdade e igualdade caros aos povos da floresta (RENARD-CASEVITZ, 1991).

Como salientaram vários autores (ver, por exemplo, HVALKOF & VEBER, 2005; KILLICK, 2007; PIMENTA, 2017), os Ashaninka são conhecidos por seu desejo agudo de liberdade, autonomia e igualitarismo. Procuram sempre evitar o advento de qualquer hierarquia social e de poder coercitivo entre eles, embora também possam,

diante de ameaças externas ao seu modo de vida, se juntar em torno de grandes líderes temporários.⁸ Além das numerosas influências quéchuas na língua ashaninka que já foram apontadas (*ayompari*, *viracocha*, por exemplo), é interessante que os Ashaninka não possuem, em seu idioma nativo, uma palavra para designar o que entendemos por “chefe”, no sentido de um indivíduo exercendo um poder coercitivo sobre um coletivo. Com o contato com os brancos, a figura do chefe passou progressivamente a existir na sociedade ashaninka, chegando até a ser institucionalizada pelos missionários franciscanos que atuaram na *Selva Central* na época colonial. Ora, quando existe, o chefe é chamado de *curaca*, um termo também de origem quéchua, oriundo do mundo andino e hoje amplamente distribuído na Amazônia peruana.⁹

Todavia, essas diferenças na filosofia e na visão de mundo entre os Andes e a Amazônia não impediam o diálogo e as interações mais diversas entre os diferentes povos. As fronteiras entre andinos e amazônicos, entre os Incas e os Antis, entre Incas e Arawak sub-andinos sempre foram porosas. Como tentei demonstrar, apesar de opostos, os dois mundos também dialogavam e se complementavam. Os Ashaninka usam o *ayompari*, seu sistema tradicional de trocas, como pano de fundo interpretativo para qualificar suas relações com diferentes “outros”. Nesse “*ayompari* interétnico”, os Inca nunca foram verdadeiramente “amigos” dos Ashaninka, muito pelo contrário, foram, em muitas ocasiões inimigos. No entanto, o *ayompari* é um meio de domesticar a alteridade, de estabelecer uma aliança ou uma ponte com o outro, mesmo sendo essa aliança sempre provisória e esse outro tão diferente do ideal ashaninka.

Para além das diferenças e das oposições entre Andes e Amazônia, existiam também nuances importantes que, se consideradas, não sustentariam completamente a hipótese de uma oposição radical entre os universos andinos e amazônicos mesmo no auge do império incaico. Sabemos pelas fontes etnohistóricas que, além dos Antis, existiam também diversas etnias andinas que, descontentes com a submissão aos Incas, tentaram se rebelar. Mesmo nos Andes, apesar de seu domínio, o império incaico nunca exerceu um controle absoluto e esse aspecto ficou bastante latente no momento da invasão

⁸ A resistência ao expansionismo Inca, a luta contra os missionários franciscanos nos tempos coloniais e os movimentos de resistência contra o Sendero Luminoso (SL) e o Movimento Revolucionário Tupac Amaru (MRTA) no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 são alguns exemplos que mostram como a prehistória e história dos Ashaninka é marcada por eventos que ilustram essa união política, sob a liderança momentânea de um líder, para defender seu território e modo de vida diante de ameaças externas.

⁹ Apesar da figura do *curaca* ter se disseminado entre os povos amazônicos dessa região, os Ashaninka são unânimes a reconhecer a origem exógena desse termo e, até hoje, procuram evitar o desenvolvimento de qualquer forma de hierarquia social e fazer do igualitarismo um valor central de sua sociedade.

européia quando algumas comunidades indígenas andinas se aliaram aos espanhóis contra os Incas. Pesquisas interdisciplinares, que reúnam especialistas tanto dos Andes como da Amazônia, poderiam certamente contribuir para desconstruir a oposição radical Andes-Amazônia que se construiu historicamente na academia e no senso comum. Poderia colaborar para um olhar mais complexo do mundo amazônico e mais granulado e menos monolítico do império incaico, um olhar que nos permita perceber formas de interação entre diferentes povos, entre andinos entre si, mas também entre amazônicos e entre andinos e amazônicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTAIONI, C. The Place of the Antisuyu in the Discourse of Guaman Poma de Ayala. In: Pearce, A.; Beresford-Jones, D. and Paul Heggarty (eds.) **Rethinking the Andes-Amazonia 'Divide': A Cross-Disciplinary Exploration**. London, University College London Press, 2020. 297-311.

CALAVIA SÁEZ, O. O inca pano: mito, história e modelos etnológicos. **Mana**, 2000. 6 (2): 7-35.

CLASTRES, P. Mythes et rites des indiens d'Amérique du Sud. In: Clastres P. **Recherches d'anthropologie politique**. Paris, Seuil, 1980: 59-101.

ERIKSON, P. (1992). Uma singularidade pluralidade: a ethno-história Pano. In: Carneiro da Cunha, M. **História dos Índios do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992: 239-252.

FONSECA SANTA CRUZ, J. & BAUER, B. S. Dating the Wari Remains at Espiritu Pampa (Vilcabamba, Cusco). **Andean Past**. 2013. Vol. 11, Article 12.

GADE, D. W. Comercio y Colonización en la Zona de Contacto entre la Sierra y las Tierras Bajas del Valle del Urubamba, Peru. Historia, Etnohistoria y Etnología de la Selva Sudamérica. **Actas Y Memorias del XXXIX Congreso Internacional de Americanistas**. Instituto de Estudios Peruanos, Lima, 1972. Vol. 4: 207-221.

GOW, P. **Of Mixed Blood. Kinship and History in Peruvian Amazonia**. 1991. Oxford: Clarendon Press.

HECKENBERGER, M. J. The Arawakan diáspora. In: Keegan, W. F., Hofman, C.L. & Rodríguez Ramos, R. (eds.) **The Oxford Handbook of Caribbean Archaeology**. Oxford University Press. 2013.

HVALKOF, S. & VEBER, H. Los Ashéninka del Gran Pajonal. In: Santos, F. & Barclay, F. (Ed.). **Guía Etnográfica de la Alta Amazonía – Volume V – Campa Ribereños, Ashéninka**. Lima: Smithsonian Tropical Research Institute/Instituto Smithsonian de Investigaciones Tropicales, 2005: 75-279.

JENNINGS, J. Becoming Wari: Globalization and the Role of the Wari State in the Cotahuasi Valley of Southern Peru. In: Jennings, J. (ed.) **Beyond Wari Walls: Regional Perspectives on Middle Horizon Peru**. Albuquerque, University of New Mexico Press, 2010: 37-56.

KILLICK, E. Autonomy and Leadership: Political Formations among the Ashéninka of Peruvian Amazonia. **Ethnos**. 2007. 72 (4): 461-482.

KUMMELS, I. & NOACK, K. (eds.) **Las conexiones temporales, regionales y transatlánticas de los Andes y la Amazonia: Personas y objetos como actores de una historia entrelazada**. Nuevos Mundos. Mundos Nuevos. 2014 <http://nuevomundo.revues.org/>

LATHRAP, D. Los Andes Centrales y la *Montaña*: Investigación de las Relaciones Culturales entre la *Montaña* Peruana y las Altas Civilizaciones de los Andes Centrales. **Revista del Museo Nacional**, Lima, 1963: 62.

LATHRAP, D. The Tropical Forest and the Cultural Context of Chavín. Benson, E. (ed.) **Dumbarton Oaks Conference on Chavín**. 1968: 26-27.

LATHRAP, D. **The Upper Amazon**. London, Thames & Hudson, 1970.

LATHRAP, D. The Antiquity and Importance of Long-Distance Trade Relationships in the Moist Tropics of Pre-Columbian South America. **World Archaeology**, 1973. 5 (2): 170-186.

PÄRSSINEN, M. & KORPISAARI, A. (eds.) **Western Amazonia. Amazônia Ocidental. Multidisciplinary Studies on Ancient Expansionistic Movements, Fortifications and Sedentary Life**. Renwall Institute Publications 14. University of Helsinki. 2003.

PEARCE, A.; BERESFORD-JONES, D.; HEGGARTY, P. **Rethinking the Andes-Amazonia 'Divide': A Cross-Disciplinary Exploration**. London, University College London Press, 2020.

PIMENTA, J. Parceiros de troca, parceiros de projetos. Ayompari e suas variações entre Ashaninka do Alto Juruá. In: Smiljanic, M. I. et al. (org.) **Faces da Indianidade**, 2009: 101- 126.

PIMENTA, J. 'All together'. Leadership and Community among the Asháninka". In. **Creating dialogues. Indigenous Perceptions and Changing Forms of Leadership in Amazonia**. Veber H. & Virtanen P. (ed.). Boulder: University Press of Colorado, 2017: 169-196.

RENARD-CASEVITZ, M. F. Guerre, violence et identité à partir des sociétés du piémont amazonien des Andes Centrales. **Cahiers ORSTOM**. 1985. XXI (1): 81-98.

RENARD-CASEVITZ, M. F. Commerce et guerre dans la forêt centrale du Pérou. **Document de Recherche du CREDAL**. 1991. 221.

RENARD-CASEVITZ, F. M. História Kampa, Memória Ashaninka. In: Carneiro da Cunha, M. **História dos Índios do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992: 197-212.

- RENARD-CASEVITZ, M. F. Guerriers du sel, sauniers de la paix. **L'Homme**. 1993. 126-128: 25-43.
- RENARD-CASEVITZ, F. M., SAIGNES, T. & TAYLOR, A. C. **Al Este de los Andes. Ensayo sobre las Relaciones entre las Sociedades Amazónicas y Andinas entre los Siglos XV y XVII**. Tomos I-II. Quito, Ediciones Abya-Yala and Instituto Francés de Estudios Andinos. 1988.
- SAIGNES, T. **Los Andes Orientales: Historia de un Olvido**. Instituto Francés de Estudios Andinos de la Realidad Económica y Social, Cochabamba, 1985.
- SANTOS-GRANERO, F. **Etnohistoria de la Alta Amazonía. Siglos XVI-XVIII**. Quito, Abya-Yala, 1992.
- SANTOS-GRANERO, F. The Arawakan Matrix: Ethos, Language, and History in Native South America. In: **Comparative Arawakan Histories**. Hill. J. & Santos-Granero F. (eds.). Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2002: 25-50.
- SANTOS-GRANERO, F. & BARCLAY, F. **Guía Etnográfica de la Alta Amazonía – Volume V – Campa Ribereños, Ashéninka**. Lima: Smithsonian Tropical Research Institute/Instituto Smithsonian de Investigaciones Tropicales, 2005.
- SCHÄFER, M. Ayompari “el que me da las cosas”: el intercambio entre los Ashéninga y Asháninka de la Selva Central peruana en perspectiva histórica. In: Jorna et al. **Etnohistoria del Amazonas**. Quito: Abya-Yala, 1991.
- TAYLOR, A. C. História Pós-Colombiana da Alta Amazônia. In: **História dos Índios no Brasil**. São Paulo, Cia das Letras, 1992: 213-238.
- TAYLOR, A. C. The Western Margins of Amazonia from the Early Sixteenth to Early Nineteenth Century. Salomon, F. & Schwartz, S. B. (eds.) **The Cambridge History of Native Peoples of Americas, South America III (2)**, Cambridge University Press, 1999. 188-256.
- TELLO, J. Chavín. **Cultura Matriz de la Civilización Andina**. Lima, Universidade de San Marcos, 1960.
- VARESE, S. **Salt of the Mountain. Campa Asháninka. History and Resistance in the Peruvian Jungle**. University of Oklahoma Press, 2004.
- VIANA, P. 2019. **Ibechiriajeta, ser/estar alegre. Uma cosmopolítica Ashánina do rio Ene**. Tese de doutorado em antropologia, UFRJ, 2019
- WILKINSON, D. The Influence of Amazonia on state formation in the ancient Andes. **Antiquity** 2018. 92 365: 1362-1376.